



Cartas Pandêmicas: a subjetividade da experiência como registro histórico e artefato de resistência.

AMANDA PACCANARO MARINO¹; HELENE GOMES SACCO²

¹Universidade Federal de Pelotas - amandapaccanaro@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - sacco.h@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo procura apresentar, abordar e refletir algumas experiências desenvolvidas no Projeto Unificado intitulado *Poéticas NO Espaço: investigações, proposições de formas de presença*. O projeto tem ênfase em pesquisa, e também desenvolve ações de extensão e ensino promovendo diálogos entre essas instâncias. É coordenado pela Profa. Dra. Helene Gomes Sacco, e o qual sou deste bolsista de iniciação científica PIBIC/CNPq. O projeto tem como propósito refletir as ações, proposições, exposições e publicações artísticas a partir do conceito de espaço. Procura refletir os meios e a configuração das relações, das experiências e propriamente da natureza do espaço envolvido nos trabalhos.

A primeira proposta de trabalho realizada pelo projeto é um site-proposição chamado *Cartas Pandêmicas: estratégias poéticas para buscar o amanhã*. Trata-se de uma proposta elaborada a partir do contexto que a população global está submetida com a epidemia de COVID-19. A proposição convida o público em geral a escrever e mandar cartas de diversos formatos através do *e-mail*, que após passar pela curadoria, é publicada no espaço do site. A proposição foi lançada no início do mês de agosto e permanecerá ativa por tempo indeterminado, até que a pandemia acabe, e prevê sua duração de exposição online por dois anos.

2. METODOLOGIA

Essa escrita busca observar e refletir o modo de funcionamento do espaço criado com o site-proposição e as principais experiências que ele propõe, por isso analisaremos nossos métodos e movimentos tanto de criação quanto de crítica dos trabalhos enviados. Todas as produções recebidas tem parecer por uma parte da equipe do projeto Poética NO Espaço, onde ocorre uma análise do conteúdo visual, poético e temático. A intenção é explorar a peça enviada por completo, mas também percebê-la sensivelmente. Há uma preocupação com a experiência que é proporcionada por cada carta. Não há como não pensar também na experiência de quem a escreve, bem como a de quem acessa o site ou ainda a nossa que a recebemos em primeira mão. Consideramos também a interferência do meio digital no momento da produção e da exposição, e a capacidade causar até uma certa brevidade no conteúdo proposto. Todas as cartas recebidas são respondidas, tentando retribuir a atenção dedicada em cada carta, como um gesto de respeito a cada participante do projeto, mas



também por necessidade do grupo de dar conta via escrita da experiência de leitura das cartas.

O site-proposição funciona como uma grande caixa de correio, atuando como espaço expositivo e alojamento das cartas, tornando o site um acervo digital que registra e testemunha as experiências durante a pandemia. Esse modo expositivo, portanto é uma solução de espaço de encontro frente a questão de isolamento social. Esse modelo *online* ainda é capaz de proporcionar, através de algoritmos, a disseminação da informação, ampliando a acessibilidade do conteúdo pelo público em geral (QUINTELLA, 2020), o tornando capaz de chegar a mais pessoas, para além da bolha social do projeto. Estamos com cartas de diferentes estados do Brasil e duas cartas do exterior, com contatos do Uruguai e Argentina.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O propósito do Cartas Pandêmicas, é de registrar memórias e experiências durante a pandemia através da escrita, imagens, sons, vídeos. Parte da reflexão do que é e para o que serve uma carta, e se expande propondo a procura de um limite ou não da ideia de missiva. Essa ampliação de formatos e meios, enriquece de sentidos e significados a cada nova forma ou recurso encontrado pelo remetente. Notamos que as condições que o isolamento social impõe, gera para algumas pessoas a capacidade de perceber o espaço de vida e seu contexto; os dias que eram mais agitados compostos por outros afazeres, são substituído por outra dinâmica de tempo e de necessidade de atenção outras ao contexto e convívio da casa. A nossa experiência de convívio interpessoal foi fortemente afetada, bem como as nossas organizações de tempo e trabalho. Essas mudanças conseguem alterar a percepção espacial do indivíduo nos ambientes que já são costumeiros a ele e consequentemente modifica também as experiências em que está sujeito.

A dinâmica de muitas atividades da esfera social, desde antes do isolamento, traz a impressão de que a esfera pessoal é equânime. Entretanto tudo aquilo que o meio social oferece, também é subitamente capaz de interferir na subjetividade do pensamento, ou seja, o ambiente banal do lar que estamos predispostos no isolamento influencia nas próprias percepções de si mesmo e do espaço. Essa nova percepção, ainda que infraordinária (PEREC, 2010), é capaz de fomentar análises e questionamentos aptos de descrever grandes eventos da esfera social que servem de conhecimento, registro e memórias.

A escrita sobre si revela algo sempre além da esfera pessoal. E é preciso sempre lembrar que uma carta também é uma forma de encontro onde a escrita age, tanto sobre quem escreve quanto para quem a lê (FOUCAULT p.150 1992). Nessa etapa do projeto, por exemplo, já é possível observar um quadro de trocas de saberes e experiências entre nós e os participantes através das leituras e respostas.

No texto de chamada à proposição é destacado de modo breve essas possibilidade de encontro, partilha, testemunho, ressignificação e esperança:



[...] Uma carta escrita para sair ou entrar em si, mas também partir de si para outro [...] As cartas são a via e um ótimo pretexto para mover o presente em direção do amanhã. [...] Cartas são formas de memórias desejantes, aquelas que querem durar, querem ser vividas na leitura dos outros, nos relatos, nos legados.

As cartas [...] são como projéteis, atingem em cheio em algo ou alguém. [...] (CARTAS PANDEMICAS, 2020).

Em grandes movimentos sociais, a arte no geral também teve grande valor de registro histórico. O modo que ela agrega as informações facilita a comunicação dentro do grupo, proporcionando uma teia de relações e sentimentos, recursos que são de fato imediatos para qualquer luta ampla e dissociável (WILLIAMS, 2015). Assim, oferece à imaginação, o que no seu âmbito “racional” provém também à esperança, como uma liberdade alternativa e uma saída para o caos que presenciamos no presente.

4. CONCLUSÕES

Com o projeto ativo com pouco mais de um mês, temos uma grande participação do público: mais de vinte e cinco cartas já foram registradas sendo apresentadas em formatos mais tradicionais, com estruturas similares a uma carta ou texto corrido, mas também conta com a presença de vídeos, ilustrações, imagens e colagens. Observa-se que conforme o projeto avança e se expande no mundo virtual, mais pluralidades de soluções formais ocorrem nas produções.

O conteúdo abordado nas cartas de forma mais recorrente é o cotidiano, provando-se da concepção de que o meio influencia a percepção; outras delas oferecem um olhar mais amplo da sociedade, apontando as dificuldades e necessidade de mudança nos pilares da política, ciência, relações sociais, etc., mas sempre com um apelo à uma fala desejante, uma necessidade de relatar o vivido, o que corrobora com a teoria do valor da esfera pessoal em narrar grandes eventos.

Através da mídia social *Instagram*, o grupo criou a possibilidade de comentar sobre as produções recebidas com terceiros, diferente do que acontece nas respostas aos remetentes onde se é salientado somente a eles o conteúdo da sua carta. Essa mídia social ainda possibilita também a promoção do projeto através de referências bibliográficas que visam motivar o público e estimular a criatividade ao convite para o envio de uma carta.

Prevemos ainda ao final da fase de recebimento das produções, uma possível exposição e publicação editorial dessas.

A proposição Cartas Pandêmicas traz a possibilidade de através das cartas, suporte que consegue incluir no mesmo espaço a subjetividade e o registro histórico, apresentar um meio alternativo de como a história será contada, estudada e aprendida no futuro. Já que a arte, ainda que de modo inconsciente, registra o vivido fazendo ele se expandir como memória para o futuro, percebemos que essa memória será preenchida de interiores cotidianos, não só de fatos e dados estatísticos expressos em telejornais, mas de componentes da vida cotidiana, erguidos do banal como artefatos da resistência.



5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação** [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>.

CHARBEL, F. **Modos de existir pelas palavras**. 2020. Disponível em: <https://www.suplementopernambuco.com.br/artigos/2417-modos-de-existir-pelas-palavras.html>. Acesso em: 11 set. 2020.

FREIRE, P. Ensinar exige alegria e esperança. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Cap. 2.7. p. 31-33. Disponível em: <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/09/9.-Pedagogia-da-Autonomia.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2020.

FOUCAULT, M. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160.

PEREC, Georges. **Aproximações do quê?** 2010. Tradução de Rodrigo Silva Ielpo. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2010000100014#1a. Acesso em: 18 set. 2020.

QUINTELLA, P. Algoritmos, arte e internet: os desafios dos museus na pandemia e depois. **Revista Zum**. 2020. Disponível em: https://revistazum.com.br/zum-quarentena/algoritmos-arte-internet/?fbclid=IwAR2QQYI4R0HoB6JpodWuZih7jQP_uvHA_COodCGg5ud0PyWSg-7G2GOAn1w. Acesso em: 14 ago. 2020.

SACCO, H. G. Proposição Cartas Pandêmicas: Estratégias poéticas para Buscar o Amanhã. **Cartas Pandêmicas**, 2020. Disponível em: <https://www.cartaspandemicas.com/>. Acesso em 6 ago. 2020.

WILLIAMS, R. Você é um marxista, não é? In: WILLIAMS, Raymond. **Recursos da esperança: cultura, democracia, socialismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2015. p. 97-99.